Violência contra a mulher no Brasil: dados recentes, desafios de subnotificação e o papel do Enfermeiro na Atenção Primária à Saúde (APS).

Autor(res)

Lívia Cristina Conegundes Da Silva
Alexandre Almeida De Siqueira
Giulia Melissa Soares Araújo

Categoria do Trabalho

Pesquisa

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE GOVERNADOR VALADARES

Introdução

A Violência Contra a Mulher (VCM) é reconhecida globalmente, com cerca de 35% das mulheres de todo o mundo sendo vítimas de violência doméstica, predominantemente por seus parceiros, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). No contexto brasileiro, a VCM configura-se como uma questão de saúde pública que acarreta altos custos ao sistema de saúde, exigindo atendimento integral por uma equipe multiprofissional e em rede. Os dados recentes sublinham a magnitude do problema: em 2024, o Brasil registrou uma taxa de 1,4 feminicídios por 100 mil mulheres e 3,5 homicídios de mulheres por 100 mil, indicando um aumento em relação a 2023. Estima-se que mais de 21 milhões de brasileiras foram vítimas de algum tipo de violência no último ano. Em nove estados monitorados pela Rede de Observatórios da Segurança em 2024, 531 feminicídios foram registrados, o que corresponde a uma mulher morta em razão do gênero a cada 17 horas nesses estados combinados. Além disso, em 2024, foram reportados 71.892 casos de estupro de mulheres, uma média alarmante de cerca de 196 por dia. A VCM assume múltiplas faces, podendo culminar em homicídios, frequentemente cometidos por parceiros íntimos. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública indica que 60,7% dos feminicídios em 2024 foram perpetrados por companheiros e 19,1% por ex-companheiros, totalizando aproximadamente 80% por parceiros íntimos. O local de ocorrência mais comum é a casa/residência da vítima (64,3% em 2024). Apesar da gravidade, a violência é pouco identificada nos serviços de saúde e subnotificada, corroborando para a ênfase em um "fenômeno invisível". Os serviços de Atenção Primária àSaúde (APS) são a principal porta de entrada e um espaço privilegiado para a identificação de mulheres em situação de violência, dada a proximidade do serviço com a usuária. No entanto, o silêncio é parte desse contexto, tanto das mulheres quanto dos profissionais que falham em investigar a possibilidade de violência durante os atendimentos.

Objetivo

Analisar a magnitude da violência contra a mulher no Brasil em 2024, destacando o perfil das vítimas, a persistência da subnotificação e discutir o papel essencial do enfermeiro na identificação e assistência às mulheres em situação de violência na APS.

Material e Métodos

Trata-se de uma revisão bibliográfica, baseada na análise e síntese de dados estatísticos recentes e achados da literatura científica sobre a Violência Contra a Mulher (VCM) no Brasil. As fontes primárias e secundárias utilizadas incluem relatórios de segurança pública (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, RASEAM 2025), levantamentos de institutos como DATAFOLHA e Rede de Observatórios da Segurança, e artigos científicos focados na atuação da Enfermagem e na Atenção Básica. Os dados quantitativos e qualitativos foram organizados para mapear a prevalência da VCM, o perfil sociodemográfico das vítimas e agressores (com foco em raça/cor e vínculo íntimo) e, sobretudo, os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde, notadamente o enfermeiro, no processo de identificação e intervenção. O método visa, por meio da compilação desses dados, evidenciar a dificuldade de abordar a violência nos serviços de saúde e reforçar a necessidade de instrumentalização dos profissionais.

Resultados e Discussão

O agressor é, na vasta maioria dos casos, o parceiro íntimo atual ou ex-parceiro. Em 2023, um levantamento em MG indicou que ex-companheiros ou companheiros atuais eram autores em cerca de 67% dos casos, número que sobe para cerca de 70% quando se consideram mulheres negras. Essa proximidade do agressor dificulta a formalização das denúncias e a busca por atendimento, que só ocorrem quando resultam em fatos extremamente graves. No cenário da saúde, a violência é um problema de extrema dificuldade para ser abordado. O silêncio é mantido pelo sentimento de incapacidade para o atendimento e o medo de represália por parte das enfermeiras, fazendo com que elas não prossigam com as investigações da violência. Essa falta de investigação resulta em uma violência pouco identificada e subnotificada, mascarando a real gravidade da situação. A enfermeira na Estratégia de Saúde da Família (ESF) é peça chave. Ela é responsável por instrumentalizar e preparar os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), mediante as necessidades da população, através de ações de educação em saúde. Além disso, contribui diretamente na identificação dos casos de violência e na formulação de ações assistenciais. Contudo, a literatura questiona: "como o enfermeiro reconhece mulheres em situação de violência?" e "Há protocolos para a devida intervenção?". A ausência de clareza e capacitação profissional contribui para que o fenômeno da VCM, apesar de epidêmico, permaneça invisível. A Lei nº 14.994/2024, ao tornar o feminicídio crime autônomo, pode desviar a atenção de políticas de prevenção, que são essenciais.

Conclusão

A violência contra a mulher (VCM) no Brasil é um problema grave, com altas taxas de feminicídio e maior impacto em mulheres negras. A subnotificação acontece pelo silêncio das vítimas e receio dos profissionais de saúde. Enfermeiras na APS precisam estar preparadas para identificar e agir diante dos casos, realizando a notificação compulsória no SINAN, que é obrigatória por lei. Isso ajuda a dar visibilidade ao problema e permite ao Estado planejar ações eficazes de prevenção e cuidado.

Referências

Silva, Viviane Graciele da; Ribeiro, Patrícia Mônica. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. Escola Anna Nery revista de enfermagem, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, e20190371, 2020. DOI:10.1590/2177-9465ean20190371

SILVA, Neuzileny Nery Ferreira; LEAL, Sandra Maria Cezar; TRENTIN, Daiane; VARGAS, Mara Ambrosina de Oliveira; VARGAS, Caroline Porcelis; VIEIRA, Letícia Becker. Atuação dos enfermeiros da atenção básica a mulheres em situação de violência. Enfermagem em Foco, Brasília, v. 8, n. 3, p. 70–74, 2017.